

anc p. 3

# O "jeitinho brasileiro"

31 AGO 1987

ANC

FLORESTAN FERNANDES

FOLHA DE SAO PAULO

As tendências que se delinham na Assembléia Nacional Constituinte não são de provocar maiores esperanças. A iniciativa popular, como e enquanto tal, funcionou melhor do que se poderia esperar. Há tantas críticas à massa do povo, aos humildes e aos "ignorantes", com condenações candentes às organizações cívicas, humanitárias e políticas (incluindo-se no rol os partidos), que se esperava um resultado menos ofuscante. Desta vez, a inundação da ANC abrangeu um maior número de miseráveis da terra, morem eles nas cidades ou no campo e de estudantes ou jovens mais ou menos pobres. Um verdadeiro enxame percorreu as veias da ANC —mas esta permaneceu estática. Funcionou como um escoadouro público ou um corpo inerte. Os prédios não falam, não ouvem, não se movem... Cenário de uma imensa demonstração da atividade popular, dela não participou através dos mandachuvias e dos partidos da ordem, empenhados em outro tipo de luta. Eles só mostraram o seu testemunho ritualizando as demonstrações, isto é, separando-as da atividade viva da ANC.

O povo penetrou dentro da casa, mas não a conquistou. Tudo foi feito para excluí-lo, da forma mais minuciosa e inteligente. Sessões para debates constitucionais inócuas, estruturadas dispersivamente e com presença limitada do povo nas galerias. É claro, ele não compareceu... A festa não era para ele, era para os que pretendem editar uma Constituição que reproduza a ordem existente tal qual ela é no momento. As pressões para corrigir essa deliberada esterilização do processo constituinte foram pura e simplesmente ignoradas. Plínio de Arruda Sampaio, vice-líder do PT, juntamente com José Genoíno, formulou uma solução. Coordenar os debates por temas e abrir um pouco mais as portas da ANC. O PT, o PDT, a esquerda do PMDB, o PS, o PC do B, o PCB apoiaram com ardor a idéia e travaram por ela uma batalha prolongada. Ganharam um pudim... As sessões com temas predeterminados ocorreriam à noite e a entrada nas

galerias seria regulada através de quatrocentas senhas, distribuídas proporcionalmente pelos partidos! A distribuição também subordinou-se a um esquema de sonegação e dificuldade. Poucas vezes a casa acolheu gente em número razoável e os debates da noite logo ficaram tão parecidos com os do dia, que é justo pensar que a ANC possui um estrategista exímio, pronto a derrotar todos os que pretendem democratizar o processo constituinte. Este corre sinuoso e mofino, como se o Brasil estivesse à beira da morte, não em pugna por tornar-se uma grande e poderosa "nação emergente".

Portanto, os dias de entrega das emendas populares, especialmente o 12 e o 13 de agosto, são datas memoráveis. O Brasil está vivo! E vivo através dos humildes, daqueles que precisam de uma Constituição inovadora e democrática —mas não a terão desta vez! Os corredores cheios de gente, o ardor cívico puro e agreste, a chama de uma ansiosa esperança, são em si e por si uma demonstração de que o país já é não uma "nação emergente" —é uma nação em busca do sentido do seu presente e do modo de ser de seu futuro próximo. Os constituintes "conservadores" e os partidos da ordem ficaram alheios a essa realidade tocante. Pior para eles. Distanciam-se do presente e do futuro que estão sendo construídos na infra-estrutura da sociedade civil, na surdina, mas com um vigor insopitável. Essa transformação profunda pode ser obstruída e retardada, mas não poderá ser interrompida e aniquilada. Os donos do poder negaram-se a ouvir e a avançar. Pior para eles. A sociedade nova, que se elabora inexoravelmente, não conterà suas marcas. Eles criaram o caos em que estamos. Sucumbirão com ele. Os constituintes de "centro", "democráticos", "liberais", "conservadores" —qualificativos excêntricos, que só exprimem a mesma coisa: a reação organizada— divorciaram-se desse processo constituinte paralelo, que brota do povo e que eles repelem. Preferiram manter-se em cima do muro ou em uma ofensiva reacionária desabrada; isolaram o processo

constituinte institucional do processo constituinte real. Pior para eles. Uma revolução democrática está em marcha e os donos do poder possuem as posições de comando, enquanto o poder começa a escapar de suas mãos, a deslocar-se para baixo e a crescer nas veias miseráveis da terra, dos oprimidos e dos trabalhadores.

Enquanto a nação institucional esconde-se no governo e por trás do muro das "instituições fortes", a nação real caminha por e sobre seus próprios pés. Agora, já faz pouca diferença se a Constituição será sintética ou analítica, enxuta ou encharcada. O povo atravessou o Amazonas, colocou em cima da mesa suas últimas mensagens. Os soberanos constituintes optaram pela soberania. A nova Constituição está cozida como o prato com veneno em um banquete dos Bórgias. Os vários "grupos de consenso", que buscaram uma nova conciliação pelo alto, irão alcançá-la. Mas, ao preço de converter esta ANC em um equivalente político tanto do Colégio Eleitoral, quanto de transição conservadora, que gerou a "Nova República". São os mesmos personagens, os mesmos beneficiários, os mesmos partidos, as mesmas forças sociais, militares e políticas. Sua negociação vencerá pelo número. Formam a maioria. Porém, lançam o Brasil no abismo final. Os garantes da ordem já não são o sabre e o fuzil. São os humildes que fizeram, por alguns dias e, de maneira extrema, por algumas horas, os prédios da ANC uma versão da Bastilha. Não a destruíram. Os alvos são outros. Aprenderam a conhecê-la no seu inteiror, nas ambiguidades da sua indiferença ao povo, na sua debilidade insuperável. De um golpe, os humildes descobriram que não estão representados e que são os agentes de sua própria vontade.

O que o ilustre relator deputado Bernardo Cabral afirmou, na solenidade em sua homenagem na FMU (cf. Folha de S. Paulo, 15/8/87) é tão sintomático quanto o são a organização que prestou a homenagem, as personalidades que estiveram presentes e a totalidade da situação. Não há dúvida que deveríamos entrar em

uma fase de negociação, que poderia conferir um caráter democrático ao fecho do processo constituinte. Vjvemos em uma sociedade de classes e ninguém poderia sonhar com outra saída. Ai se acha a essência do pluralismo possível em uma sociedade de classes. Não obstante, que tipo de negociação? Fala-se em consenso. O que quer dizer consenso? Acordo no tope? Conciliação entre as dissidências dos donos do poder? Ou ele quer dizer que o pluralismo de uma sociedade de classes pressupõe que interesses e valores antagônicos encontrarão alguma forma de convivência e de equilíbrio? Ela significa que os de baixo possuem peso e voz na sociedade civil e, por consequência, os seus interesses e valores estabelecem um equilíbrio na balança —no caso, na forma e conteúdos da Constituição.

O que vemos é uma reprodução de um filme velho, do tempo do cinema mudo. As fórmulas sequer sofreram modificações ou submeteram-se a qualquer disfarce. O senador Richá com valoroso grupo de companheiros e os que se acreditam estar mais ao "centro" (centro do quê?), marcham galhardamente, ao som de fanfarras militares e sob aplausos de uma galeria invisível (que se obriga confortavelmente em suas mansões), ao que vale. O consenso que exibem ao Brasil é um consenso que anima o capital, nacional e estrangeiro, e que responde à insensibilidade dos que podem, têm voz e por isso mesmo mandam! Vão substituir maciamente um "entulho autoritário" por uma Constituição democrática para os de cima. A tesoura da Constituição sintética garantirá, como a Constituição de 1967 e o seu adendo de 1969, a continuidade da "transição transada". Ela será, sob todos os aspectos, a Constituição da "Nova República". Resta-nos transferir a oportunidade para elaborar a Constituição do Brasil real para quando a revolução democrática jogar na lata de lixo da história os privilégios e os casuísmos de uma falsa República.